



EDITORIAL

EM QUE CREEM OS QUE NÃO CREEM? facetas da crença não afiliada

WHAT DO NON-BELIEVERS BELIEVE?
some aspects of unaffiliated belief

¿EN QUÉ CREEN LOS NO CREYENTES?
facetas de la creencia no afiliada

Silas Guerriero*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião.
São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: silasg@pucsp.br
ORCID: [0000-0003-0014-0217](https://orcid.org/0000-0003-0014-0217)

Ao final do século XX, o cardeal Martini e o escritor e filósofo Umberto Eco trocaram cartas acerca das diferenças de visões de mundo e comportamentos entre um crente e um não crente (Eco; Martini, 1999). Por detrás do denso e acalorado debate então estabelecido, seria possível supor que uma batalha entre religiosos e não religiosos indicaria de que lado estaria a salvação da humanidade. Muito longe disso, o embate respeitoso e de alto nível levantou muito mais convergências que desacordos, embora as divergências não tivessem sido escamoteadas. Não se tratava de ter fé ou não, ou de depositar na religião a esperança de sentido e de dias melhores, tampouco esperar que a ciência ou a razão salvariam. As diferentes visões do cristão e do ateu nos fazem refletir que há espaço inclusive para os que não creem. Num mundo cada vez mais plural, é necessário refletir sobre os diferentes sistemas de crenças e reconhecer que nem só de religião vive o ser humano.

Não ter religião é algo realmente inusitado? Ainda somos marcados pela ideia de que

* Doutorado em Antropologia, mestrado em Ciências e graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ter religião é natural e todos precisam ter uma. Há quem pense que, sem a fé e uma crença religiosa, a moralidade estaria morta e que a ética seria vazia. Salta aos olhos as preocupações sobre o número cada vez maior de pessoas que se declaram sem religião. Afinal, sendo a religião algo que estaria para além da alçada dos mortais, como seria possível abnegar-se dessa dimensão tão candente do ser humano e viver à sua margem? Não é à toa que no âmbito do senso comum e dos meios de comunicação essas indagações se fazem presentes a todo momento em que as estatísticas apontam para o crescente número de pessoas que se declaram não afiliadas a nenhuma instituição religiosa. Esse questionamento também existe no interior das próprias igrejas, assustadas com a possibilidade de perda de fiéis. Por outro lado, o fenômeno reverbera no seio da academia e dos estudos de religião, que buscam compreender o que se passa no campo religioso.

Dizer-se pertencente a uma religião é algo relativamente novo, que não faria sentido em grande parte da nossa história pregressa, assim como pode não fazer sentido a muitos grupos sociais atualmente. Isso porque a própria noção do que é religião, e a consequente possibilidade de se identificar pertencente a uma delas, é algo que só começou a surgir após a reforma protestante e principalmente após o iluminismo (Riesebrodt, 2010, p. 10). Evidente que havia sistemas de crenças e de práticas religiosas antes disso. Apenas não se tinha a noção de que uma religião é aquilo que identificamos de maneira quase que imediata. Por extensão, não se fazia o menor sentido em falar de pessoas sem religião. Afinal, pertencer a um grupo social, e mais especificamente a um grupo étnico, era compartilhar das mesmas crenças e visões de mundo. Quem se colocasse contrário a isso seria malvisto.

Várias são as perguntas que podemos fazer a partir do quadro da desinstitucionalização ou não afiliação religiosa. Quem são essas pessoas que não se importam mais em seguir os cânones das grandes religiões ou as regras instituídas e proferidas pelas lideranças? Para onde estão indo? O que pensam e em que creem esses desafiados? Seriam descrentes de tudo, ateus amorais? Ou haveria novas formas de crença e de pertencimento religioso? Os sem religião acreditam em algo? Será mesmo que religião é algo intrínseco ao ser humano, e, portanto, não ter religião seria um contrassenso?

Mudando o foco, a quem assusta ou incomoda reconhecer que existam pessoas sem religião? Muitos religiosos insistem em afirmar que o grande número de declarantes não pertencentes a algum grupo religioso indicado no censo populacional não significa uma secularização ou um ateísmo. Ao contrário, seria apenas uma recusa institucional. Nos meios evangélicos, o termo desigrejados é cada vez mais frequente (Rodrigues; Júnior; Campos, 2023). Segundo os autores, a inclusão de uma categoria no censo do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, evangélica não-determinada, com quase 5% da população total, despertou muita atenção, e preocupação. São esses evangélicos sem determinação denominacional que estão sendo chamados de desigrejados (Rodrigues; Júnior; Campos, 2023, p. 4). Em 2019, a Igreja católica promoveu uma ampla conferência, com participação de vários intelectuais e estudiosos do assunto, sobre o ateísmo e como compreender a descrença (Veiga, 2019). São diferentes maneiras de abordar uma situação cada vez mais candente. Outros ecos, mais preocupantes, surgem de grupos conservadores de extrema-direita dos Estados Unidos, Brasil, Rússia, Itália e Hungria na busca de alianças com fundamentalistas religiosos para legitimar seus discursos. O crescimento dos sem religião é visto como algo a ser combatido, pois apenas nas fileiras da fé é que a sociedade poderia caminhar. Se alianças entre fundamentalismos religiosos e regimes autoritários não é novidade (Passos, 2021, p. 145), o fato é que agora novas alianças, até então improváveis, unem católicos tradicionalistas e pentecostais conservadores em torno de lideranças com fortes inclinações ditatoriais. A história recente de nosso país é testemunha. Os sem religião incomodam e assustam as ortodoxias eclesásticas.

Nas trincheiras acadêmicas, o tema dos sem religião, e, por conseguinte, o da crença dos não filiados a nenhuma instituição religiosa, tem se feito presente por aqui, principalmente a partir dos anos 1990. Há um certo consenso de que os sem religião não são descrentes, mas religiosos de outra envergadura, além de que esse fenômeno está atrelado ao da secularização e do pluralismo religioso. É exatamente a partir do debate sobre a secularização que as primeiras reflexões em termos mundiais começaram a surgir algumas décadas antes. Campbell (1971) já afirmava que os sem religião não são uma novidade da segunda metade do século XX, mas que à cada época histórica havia o questionamento sobre heresias, ceticismos e infidelidades que poderiam abalar as estruturas sociais. Porém, os acontecimentos marcantes da década de 1960 levantaram preocupações sobre o próprio fim da religião e da morte de Deus. Colin Campbell, para marcar o fenômeno, designou a categoria como a dos irreligiosos. Logo de cara já chamava a atenção de que tal fato não representava a falta de fé ou fim da religião, visto que vários outros períodos também foram marcados por uma irreligiosidade. No entanto, este de agora se apresenta único. Isso porque, segundo o autor, é na história recente que a irreligião aparece como um fenômeno de grande parte da população e não apenas de uma elite. Surge como uma posição estabelecida na sociedade, com lugar assumido e de reconhecimento. Trata-se de um outro lado da própria secularização, em que pese a ambiguidade do próprio conceito (Campbell, 1971, p. 5). O autor chamou a atenção para o fato de os movimentos irreligiosos atuarem

como agentes de secularização tenha sido ignorado pelos sociólogos, mais preocupados em dar conta da profecia positivista do fim da religião. Campbell enfatizou as características de hostilidade e indiferença dos movimentos irreligiosos para com a religião (Campbell, 1971, p. 24). Ainda haveria um bom tempo para que as análises caminhassem no sentido de pensar os sem religião não como uma oposição às religiões, mas como característica da própria dinâmica do campo religioso. Muito se deve aqui, a nosso ver, à própria construção da categoria sem religião.

Sabemos que a noção de religião presente em nossos imaginários, e muitas vezes repetida sem questionamento pelos próprios analistas, é histórica e foi forjada a partir dos condicionantes presentes na sociedade ocidental europeia da Idade Moderna (Schilbrack, 2022, p. 209). Pode-se intuir que não há conotação direta entre religião e sistema de crenças. Ou, o que nos interessa mais nesse momento, nada indica a possibilidade de afirmar que sem religião não há crenças. Um exemplo típico dessa equação está na perspectiva de se olhar para sociedades indígenas tradicionais e não reconhecer a presença de universos religiosos. Tal medida, presente fortemente no surgimento da antropologia e da própria ciência da religião em finais do século XIX, ainda se faz atual em amplos setores. Há uma forte identificação, mesmo que inconsciente, entre religião e instituição do tipo igreja. A famosa caracterização da religião a partir de uma edificação burocrática realizada por Ernest Troeltsch, em que este descreve a diferenciação entre *religião de igreja* e *religião de seita* (Troeltsch, 1987), expressa, não necessariamente de forma intencional, a ideia arraigada de que religião é algo institucional que se assemelha a uma igreja. Dessa maneira, não pertencer a uma instituição religiosa é entendido como não ter uma religião (um sem religião). E não ter religião se remete, quase que imediatamente, à ideia de que há um vazio de crenças. Sem dúvida de que tal fato está definitivamente distante da realidade, mas é o que se leva a pensar quando identificamos religião à crença em um Deus (notadamente com as características cristãs) edificada em torno de uma instituição como uma igreja.

Em nosso país, quando o IBGE introduziu a categoria e começou a contabilizar os sem religião, a partir do censo populacional de 1960 (Rodrigues, 2012), acabou por engessar uma situação não exatamente de não afiliação institucional, mas de ausência de religião, que bem poderia ser entendida como ausência de crenças. Naquele censo, os sem religião foram contabilizados como sendo 0,5% da população brasileira. No censo seguinte, em 1970, passaram a 0,8%, aparentemente um número inexpressivo. Em 1980 compunham 1,6%, mas em 1991 já saltavam para 4,8% da população, começando a chamar a atenção de inúmeros estudiosos do campo religioso, além, claro, das autoridades eclesiásticas e dos

meios de comunicação. Em 2000, foram a 7,3% e, em 2010, pela primeira vez, o IBGE fracionou a categoria em três outras: ateus, agnósticos e sem religião propriamente dito. Neste último censo, o número total atingiu 8,04% da população, sendo 0,32% de ateus, 0,07% de agnósticos e 7,65% de sem religião/sem religião (IBGE *apud* Rodrigues, 2012, p. 1135). No momento desta publicação, ainda não tinham sido divulgado os dados do último censo populacional, de 2022, mas já se espera um novo crescimento dos sem religião.

Os estudos sobre essa novidade no campo religioso brasileiro começaram de maneira tímida e pelas bordas. Carlos Rodrigues Brandão, em um seminário em 1991, analisava a crise institucional das igrejas enquanto produtoras de sentido, germe da crescente desinstitucionalização religiosa (Brandão, 1994). Em 1996, Prandi e Pierucci publicaram uma análise sobre a inclinação da escolha política em relação à religião na eleição presidencial de 1994, a partir de dados de uma pesquisa do Datafolha (Pierucci; Prandi, 1996). Não se tratava de uma análise sobre o comportamento dos sem religião, mas a categoria, então denominada pelo Datafolha como nenhuma religião, aparecia no bojo das análises sobre as escolhas políticas. Cecília Mariz e Maria das Dores Machado, em 1998, publicaram um artigo em que afirmavam que os estudos sobre os sem religião ainda eram muito tímidos no Brasil (Mariz; Machado, 1998, p. 22). Neste artigo, as autoras já indicavam a necessidade de aprofundamento sobre a temática dos sem religião e que esses possuem crenças e práticas religiosas, mas indicavam uma não adesão a uma instituição.

Outras publicações procuravam relacionar o número crescente dos sem religião ao processo de secularização em curso na sociedade brasileira (Barrera Rivera, 2010; Fonseca, 2000). Fonseca já apontava para o fato de que secularização não significaria o fim da religião, mas uma diminuição da “religião de igreja” (Fonseca, 2000, p. 82). A constatação de que uma grande parte dos sem religião é formada por jovens incentivou pesquisas nesta direção, procurando entender o comportamento desse recorte populacional, bem como a quebra da hereditariedade e transmissão da filiação religiosa (Camurça, 2017; Novaes, 2004, 2013). Novaes apontava para o fato de que nove entre cada dez jovens que se diziam sem religião acreditavam em Deus (Novaes, 2013, p. 176). Camurça reafirmava o fato de que o aumento dos sem religião entre jovens significaria uma diminuição da importância das instituições religiosas em suas vidas, e não um crescimento da descrença (Camurça, 2017, p. 64). Assim como outras pesquisas desse mesmo período, privilegiou-se o estudo das camadas jovens das periferias das grandes cidades (Barrera Rivera, 2017; Camurça, 2017; Fernandes, 2018; Nicolini, 2017). Características gerais marcantes dessa camada social foram evidenciadas, como uma tendência ao individualismo, o trânsito religioso e a

desinstitucionalização, além de uma crescente indiferença religiosa. Todos apontam para esse fato atingir majoritariamente uma população jovem, pobre e periférica. Silvia Fernandes (2018) também analisou a religiosidade da juventude, mas reforçou a característica da presença marcante do componente cristão entre os sem religião. O processo de desinstitucionalização religiosa passaria pela quebra ou pelo enfraquecimento da transmissão religiosa intergeracional (Fernandes, 2018, p. 372). A autora identifica essa camada populacional como sendo majoritariamente formada por pobres, jovens do sexo masculino e habitantes das periferias das grandes cidades. Trata-se mais, portanto, de um tipo de transgressão e experimentação individual, uma recusa às imposições institucionais, principalmente advindas das gerações mais velhas, como os próprios pais. A crença básica em um deus e nos valores cristãos permanece. Nicolini reconhece a precariedade do conceito sem religião. Construído a partir de uma classificação censitária, a categoria junta realidades muito díspares, dificultando a compreensão do que procura esclarecer (Nicolini, 2017, p. 185). Chega a afirmar a necessidade de uma nova abordagem que não parta de uma categoria essencializada ou forçadamente nomeada, a religião, mas dê conta da realidade das sociedades cada vez mais plurais, “nas quais os indivíduos produzem narrativas de si igualmente precárias” (Nicolini, 2017, p. 187).

Percebe-se, portanto, a imensa variedade constitutiva dessa categoria. Podemos inferir que entre os sem religião há um grande número de evangélicos sem vínculo institucional. Longe dos sem religião indicarem apenas uma expressão da não-crença ou da secularização, há uma forte afinidade entre os sem religião e os pentecostais. Essa identificação pode ser aferida em termos territoriais e perfil socioeconômico no trabalho realizado por César Jacob e equipe com os microdados do censo (Jacob *et al.*, 2003). Ao analisar o geoprocessamento dos dados dos sem religião sobrepostos aos dos pentecostais, percebe-se claramente essa simetria e afinidade. Se não todos, sem dúvida, uma grande parte dos sem religião pode ser, também, formada por evangélicos sem vínculo institucional. De certa maneira, tal fato nos apontaria a necessidade de refletir sobre uma realidade muito mais ampla, pois somando os evangélicos sem determinação, ou desigrejados como apontado anteriormente, quase 5% da população em 2010, com boa parte dos sem religião, temos um enorme contingente populacional. Mereceria um olhar diferenciado para os dados estatísticos censitários. Esse é um problema metodológico que não invalida, embora possa desfocar nossa análise dos sem religião.

Uma categoria que aglutina realidades díspares, como crentes cristãos desinstitucionalizados, ateus, agnósticos e descendentes de uma secularização abrangente,

não convém como ferramenta analítica. Há, ainda, um outro dado que indica tal dificuldade. Trata-se da pesquisa ainda em curso, mas cujos dados preliminares já foram publicados (Lanman *et al.*, 2019). Essa pesquisa busca compreender o que pensam e creem os ateus e agnósticos. Seria, portanto, aquela pequena parcela do nosso contingente maior dos sem religião. Foram colhidos dados de seis países: Brasil, China, Dinamarca, Japão, Reino Unido e Estados Unidos. Aqui nos interessam os dados relativos ao Brasil. Dos ateus e agnósticos entrevistados, 18% se consideram pertencentes a uma religião, o que parece, no mínimo, um contrassenso. 13% dos agnósticos e 11% dos ateus preferem ser chamados de espiritualistas não religiosos (Lanman *et al.*, 2019, p. 10-11). Interessante, ainda, é perceber como esses ateus e agnósticos professam crenças que poderíamos identificar como sendo crenças do campo religioso. Entre elas, destacamos: crença em vida após a morte (29% dos ateus e 26% dos agnósticos); reencarnação (27% e 26%, respectivamente); seres espirituais (30% e 24%); espírito universal ou força vital (29% e 30%). Isso para não falar de outras crenças, como eventos significativos do tipo *tinha que ser assim*, ou mesmo astrologia e coisas congêneres. Em suma, não apenas a categoria sem religião é contaminada, como focar detalhadamente os arreligiosos (aqui no sentido de não possuir crenças religiosas) pode nos induzir a enganos. Em outras palavras, parece haver uma grande dificuldade em analisar os sem religião isoladamente.

Uma estratégia que, a nosso ver, tem sido mais profícua é a de procurar levantar dados e avaliar em que creem os sem religião. Passado o momento inicial da busca de compreensão do fenômeno pela secularização, ou enxergá-lo a partir de seus componentes etários, como expressão de uma juventude desafeita a amarras institucionais, o momento agora é o de qualificar o olhar. É o que podemos perceber em pesquisas mais recentes. Dentre essas, destacamos a pesquisa sobre a ocupação espacial dos sem religião na cidade de Belo Horizonte e sobre as razões atribuídas por esses que justificam a desvinculação com suas antigas instituições (Senra; Carvalho; Vieira, 2020). Afinal, trata-se de um olhar sobre quem são, onde estão e o que pensam os sem religião. Por sua vez, Ecco e Martins Filho (2021) partem da discussão sobre os limites de uso da categoria sem religião, questionando os dados quantitativos à luz de uma interpretação qualitativa. A experiência religiosa de muitos dos entrevistados indica um fenômeno marcante, seja reforçando laços societários, seja resguardando “a esfera individual como espaço igualmente privilegiado para o exercício da crença” (Martins Filho; Ecco, 2021, p. 319). Nota-se, entre os entrevistados, o exercício cada vez maior da autonomia dos sujeitos na busca das significações religiosas. Numa perspectiva semelhante, que também partiu do questionamento sobre a categoria sem

religião, Ritz e Senra (2022) aprofundam a compreensão a partir de dados qualitativos. Notam um profundo processo de desafeição religiosa que resulta em desinstitucionalização e individuação das crenças (Ritz; Senra, 2022, p. 326). Os autores complementam ainda a necessidade de reconhecimento da imensa diversidade interna embutida nessa categoria e que se evidenciou a partir dos dados colhidos em campo.

Em recente congresso da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião – Anptecre, realizada em 2023, vários foram os trabalhos apresentados que procuraram dar mostras de pesquisas de campo sobre as crenças e práticas das pessoas que se reconhecem como sem religião. Ritz pesquisou jovens universitários de Belo Horizonte, preocupando-se em compreender as crenças daqueles que foram designados pela autora como sem religião com crenças (Ritz, 2023). Rodrigues pesquisou a espiritualidade não-religiosa entre roqueiros sem religião (Rodrigues, 2023). Castro buscou investigar as contribuições do uso da categoria religião vivida como horizonte teórico-metodológico para o estudo de pessoas sem religião com crença (Castro, 2023). Todos esses trabalhos indicam uma consolidação de pesquisas sobre a temática dos sem religião que caminham na direção da compreensão do que creem essas pessoas que afirmam não pertencer a grupos religiosos institucionalizados. Entendemos que esse é o caminho a ser trilhado neste momento, décadas após a emergência desse fenômeno. Passada a constatação inicial e a tentativa de explicação de sua insurgência, o momento seguinte foi o de buscar o perfil desses sem religião. Constatada a imensa diversidade interna, o desafio agora é o de dar rosto e voz a essas crenças.

Outro viés importante a ser considerado no futuro das pesquisas sobre os sem religião é a percepção de que a realidade social religiosa mudou profundamente desde a segunda metade do século passado. Acompanhando as demais mudanças sociais e a emergência de espiritualidades múltiplas e diversas, a distinção binária entre religião e não-religião perdeu força (Balazka; Houtman; Lepri, 2021). O que realmente significa, nos dias de hoje, identificar-se como não religioso? As novas espiritualidades ampliam sobremaneira o espectro do que é ou não é religião. Insistir na identificação criada para dar conta de números do censo populacional como sendo sem religião não abarca uma plêiade de situações e práticas também religiosas. As crenças religiosas se modificaram e extrapolaram o que antes era tido como uma religião com seus limites e dogmas bem estabelecidos. Novas formas de espiritualidade se tornaram cada vez mais populares entre os jovens de diversos países ocidentais. Para Song (2022), essa nova realidade de ser religioso traz novos significados que contrastam com a maneira usual de se compreender o que significa uma

vida religiosa. O autor denomina esse conjunto de pessoas como “espirituais, mas não religiosos” (Song, 2022, p. 3). É preciso levar em consideração todas essas novidades para compreender o que significa os sem religião.

Das breves reflexões aqui apresentadas, podemos perceber que a categoria sem religião é confusa e contraditória. Pode abarcar realidades muito distintas. A constatação de que os sem religião são crentes sem pertencimento ou vínculo institucional é geral e consensual. Mas o que significa a relação entre religião e instituição? Isso não está sob análise, mas focar os sem religião nos faz questionar o olhar praticamente naturalizado de que religião é igual a instituição igreja, com todo conjunto de crenças aí embutido. Por conseguinte, sem religião seria a ausência das crenças.

Outro ponto importante a considerar é o de que boa parte das pesquisas indicam que os sem religião, em sua maioria, são evangélicos desligados, mesmo que momentaneamente, de suas instituições. Tal fato é importante de ser levado em consideração. No entanto, é fundamental ter em mente que há muitos outros que não se enquadram no perfil evangélico. Quem são? Onde estão e o que pensam? Soma-se a isso o fato de que estamos em uma época marcada pela autonomia do indivíduo. Isso se reflete no campo religioso. Assim, mesmo entre filiados às religiões mais tradicionais, surge uma crescente autonomia de crenças e comportamentos frente à ortodoxia e às imposições das autoridades eclesiásticas. O que virá pela frente?

É preciso evitar as posições binárias e excludentes, do tipo *com religião* ou *sem religião*. Conforme Umberto Eco e Carlo Martini nos mostram, há muito mais crença entre os que não creem do que a simplicidade redutora gostaria de afirmar.

REFERÊNCIAS

BALAZKA, Dominik; HOUTMAN, Dick; LEPRI, Bruno. How can big data shape the field of non-religion studies? And why does it matter? **Secularism and Nonreligion**, Londres, v. 2, n. 6, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5334/snr.151>. Acesso em: 19 jun. 2024.

BARRERA RIVERA, Paulo. Os “Sem religião” na periferia urbana da América Latina. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 31, n. 3, p. 196-2011, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n3p196-211>. Acesso em: 19 jun. 2024.

BARRERA RIVERA, Paulo. Pluralismo Religioso e Secularização: Pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo no Brasil. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 50-76, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/%doi%>. Acesso em: 19 jun. 2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA, Alberto; ZICKMAN, Renée. **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 45-92

CAMPBELL, Colin. **Toward a Sociology of Irreligion**. London: Macmillan Education UK, 1971. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/978-1-349-00795-0>. Acesso em: 19 jun. 2024.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Os “Sem Religião” no Brasil: Juventude, Periferia, Indiferentismo Religioso e Trânsito entre Religiões Institucionalizadas. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 31, n. 3, p. 134-152-, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n3p134-152>. Acesso em: 08 jul. 2024.

CASTRO, Leandro Evangelista Silva. Religião vivida e o estudo de pessoas sem religião com crença: uma proposta teórico-metodológica. In: **Anais do IX Congresso da Anptecre - A religião na América Latina e Caribe: conceitos, relações e perspectivas**. Campinas: PUC-Campinas, 2023. p. 510-515.

ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. **Em que creem os que não creem**. São Paulo: Record, 1999.

FERNANDES, Sílvia. Trajetórias religiosas de jovens sem religião – algumas implicações para o debate sobre desinstitucionalização. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 367-384, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/39029>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FONSECA, Alexandre Brasil. Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o crescimento dos sem religião. **Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 63-90, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/22064>. Acesso em: 24 jun. 2024

JACOB, Cesar *et al.* **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro; São Paulo: Ed. PUC-Rio; Loyola, 2003.

LANMAN, Jonathan et al. **Understanding Unbelief: Atheists and Agnostics Around the World**. Interim findings from 2019 research in Brazil, China, Denmark, Japan, the United Kingdom and the United States. London: St. Mary's University, Waldegrave Road, Twickenham, 2019. Disponível em: <https://pure.qub.ac.uk/en/publications/understanding-unbelief-atheists-and-agnostics-around-the-world-in>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MARIZ, Cecília Loreto.; MACHADO, Maria das Dores C. Mudanças recentes no campo religioso brasileiro. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, v. 5, p. 21-43, 1998. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/35038>. Acesso em: 15 jun 2024.

MARTINS FILHO, José Reinaldo; ECCO, Clóvis. “Sem religião” ou pluralismo religioso? Uma leitura introdutória. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 19, p. 305-324, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2021v19n59p305-324>. Acesso em: 15 jun. 2024.

NICOLINI, Marcos. Religiosidade Laica: autopoiesis precária e solidariedade dos sem religião das periferias. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 31, n. 3, p. 179-205, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n3p179-205>. Acesso em: 19 jun. 2024.

NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Religiões em movimento**. O censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 187-212

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, p. 321-330, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100025>. Acesso em: 19 jun. 2024.

PASSOS, João Décio. **No lugar de Deus: ensaios (neo) teocráticos**. São Paulo: Paulinas, 2021.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. Religião e voto: a eleição presidencial de 1994. In: PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 211-238.

RIESEBRODT, Martin. **The Promise of Salvation. A Theory of Religion**. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.

RITZ, Claudia Danielle Andrade. Pessoas sem religião com crença: a descontinuidade na transmissão da tradição e a recomposição da memória religiosa. In: Anptecre. **Anais do IX Congresso da Anptecre - A religião na América Latina e Caribe: conceitos, relações e perspectivas**. Campinas: PUC-Campinas, 2023. p. 474-480.

RITZ, Claudia Danielle Andrade; SENRA, Flávio. Pessoas sem religião com crenças: considerações sobre o fenômeno religioso dos sem religião. **Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 316-334, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/cam.v20i3.13749>. Acesso em: 19 jun. 2024.

RODRIGUES, Flávio Lages. O rock e a espiritualidade não religiosa na socialização dos/as roqueiros/as sem religião. In: Anptecre. **Anais do IX Congresso da Anptecre - A religião na América Latina e Caribe: conceitos, relações e perspectivas**. Campinas: PUC-Campinas, 2023. p. 488-495.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1130-1153, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2012v10n28p1130>. Acesso em: 19 jun. 2024.

RODRIGUES, Filipe Pinheiro; VIVEIRA JÚNIOR, João Evangelista; CAMPOS, Hermano Moura. Desigrejados: a universalidade da crise evangélica na pós-modernidade. **Revista Teologia & Contemporaneidades**, Recife, v. 1, n. 2, p. 2-15, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/276317.2-136>. Acesso em: 19 jun. 2024.

SCHILBRACK, Kevin. O conceito de religião. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 207-236, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2318-5422v22n2a5681>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SENRA, Flávio; CARVALHO, Izabella; VIEIRA, José. Os sem religião: espacialização e vozes de uma transformação. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 30, n. 61, p. 480-498, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2020v30n61p480-498>. Acesso em: 19 jun. 2024.

SONG, Bin. Introduction to the Special Issue: Spiritual But Not Religious (SBNR) and Theology Without Walls (TWW). **The Journal of Interreligious Studies**, Maryland, U.S.A, v. 34, p. 2-11, 2022. Disponível em: <https://irstudies.org/index.php/jirs/article/view/538>. Acesso em: 24 jun. 2024.

TROELTSCH, Ernest. Igreja e seitas. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 134-144, 1987. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/v3nYyCbPy69VjhsQ98dHLvJ/?lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2024.

VEIGA, Edison. Por que o Vaticano, coração da Igreja, sedia a maior conferência sobre ateísmo no mundo. **BBC News Brasil**, São Paulo, 28 maio 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/05/28/por-que-o-vaticano-coracao-da-igreja-sedia-a-maior-conferencia-sobre-ateismo-no-mundo.htm>. Acesso em: 24 jun. 2024.

Conflito de interesses: O autor declara não haver conflito de interesses.

Recebido em: 04-07-2024.

Aprovado em: 05-09-2024.

Editor de seção: Flávio Senra